

## A SEMANA E O QUOTIDIANO

*Isaac Nicolau Salum*

*O presente artigo refunde um dos capítulos introdutórios da minha tese de 1967 — A Semana Astrológica e a Judeo-Cristã: Introdução à Problemática da Nomenclatura Semanal Românica — à qual se seguiu a outra de 1968, que versava A Problemática da Nomenclatura Semanal Românica. O interesse nesse assunto surgiu em 1954, quando se levantava a matéria de um dos capítulos finais — “Onomástica e Calendário” — de outra tese — A Contribuição Lingüística do Cristianismo na România Antiga. As três estão ainda inéditas, aguardando refundição.*

*Como o “longo fôlego” necessário a essa refundição não tem sido propiciado pela rotina administrativa ligada às atividades docentes, cada vez mais absorventes, resolvi ir “esquartejando” essas teses e publicando alguns capítulos mais leves sob a forma de artigos, em refundição provisória, nesta ou noutra revista que os acolher.*

*O grego já era “grego” nos tempos latinos. Graecum est non legitur, era como se dizia ante um termo ou passo grego no texto. Hoje, entre nós, grego e latim reclamam intérpretes, e são, até, domínios do saber que não dão cartaz a ninguém. Para atingir os que, não sabendo essas línguas, ainda as valorizam e conservam a curiosidade intelectual na linha em que elas operam, será traduzida a documentação nelas, em geral, assim como num ou noutra dialeto românico menos conhecido. Desse modo, estes artigos poderão ser lidos e entendidos por quaisquer pessoas de formação superior que alimentem curiosidade no assunto, ainda que seu campo de estudos não seja o das Ciências Humanas.*

*A bibliografia geral e específica sobre os dias da semana é bastante vasta. Pode-se dizer que o assunto é por demais “sovado” Mas aqui, como em outros setores da cultura, ainda se cumpre o dito da parábola de Cristo: o pesquisador consciente pode “tirar do seu tesouro coisas novas e velhas” (Mat., 13.52). As velhas, depois, de bem envelhecidas, se tornam estranhas e ignoradas, e precisam ser*

*ressuscitadas: surgem como novas. As novas são sempre novas. Para um país como o nosso, de cultura jovem, quase que não há ainda campo saturado.*

*A tese de 1954 examinou um aspecto da “influência culta na România” As outras duas mais recentes somam aspectos da herança popular e da influência culta. Operaram, assim — as três — na linha dos trabalhos do Prof. Dr. Theodoro Henrique Maurer Jr. sobre o Latim Vulgar e sobre os fatores e fatos da influência culta e da unidade da România Ocidental, e outros estudos lingüísticos seus, sem que houvesse da sua parte qualquer coerção ou insinuação. Nos tempos da “cátedra”, foi ele o mais liberal dos “catedráticos” Por isso, estes estudos, que vêm sendo já tácita e espontaneamente dedicados a ele, como colaboração, neste momento passam a sê-lo declaradamente, como homenagem.*

*Este artigo tratará da presença da semana em nossa vida e de algumas das superstições ligadas aos seus dias. Sua redação em tom meio jornalístico é propositada e continua uma orientação tomada já nas próprias teses, que pretendem ser “de divulgação” o que agora, tantos anos depois da sua defesa, pode ser impunemente declarado. Aliás, “misturar o útil ao doce” é conselho do velho Horácio:*

*Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci*

*(Ars Poetica, 343)*

*Como eu aqui pretendia visar antes ao útil que ao doce, tentei o contrário do que o Poeta recomenda: tentei “misturar o doce ao útil” Se não o consegui, a culpa não é dele. Mas o seu conselho, se invertido, está de pé, hoje, mais do que nunca, para lingüistas e filólogos e críticos literários.*

*Se por acaso as amostras deste e de outros que se seguirem despertarem interesse e coragem em editores, os capítulos mais importantes, inéditos, unidos aos que já tiverem saído, novamente reformulados, constituirão os dois volumes que contarão “O Romance da Semana”*

\*

\* \*

1 — A pedagogia latina da Idade Média — discípulos de Santo Isidoro e do Venerável Beda — se aprazia em denominar, definir e analisar as unidades de tempo. Um desses discípulos, num pe-

queno tratado de perguntas e respostas (1) — só que, ao contrário dos nossos compêndios tradicionais de perguntas e respostas, as perguntas eram feitas pelo *Discipulus* e as respostas dadas pelo *Magister* — enumera, logo de início, e analisa as *quatuordecim* unidades de tempo (a lista é de quinze, mas a última é *mundus*).

a — O *Discipulus* começa perguntando: *Diuisiones temporis quot sunt?*

Responde o *Magister*: *Quatuordecim*. À nova pergunta *Quae?* — ele responde:

*Atomus, momentum, minutum, punctus, hora, quadrans, dies, hebdomada, mensis, uicissitudo temporis, annus, cyclus, aetas, saeculum, mundus* (2)

Essas divisões, com exceção da primeira, o *atomus*, que já significa “indivisível”, e da última, que nem é discutida, formam números complexos, explicados pela resposta à terceira pergunta — *Quomodo crescunt maiores numeri de minoribus?* — numa gradação, que aqui se reproduz sucintamente na sua primeira metade:

*564 atomi = 1 momentum; 4 momenta = 1 minutum; 10 minuta = 1 punctus; 5 puncti = 1 hora; 6 horae = 1 quadrans; 4 quadrantes = 1 dies; 7 dies = 1 hebdomada; 4 hebdomadae = 1 mensis* (meses de 28, de 30 e de 31 dias, observa-se, isto é, “sem acréscimo”, e com 2 ou com 3 dias de acréscimo, o que equivale a dizer que o mês normal é o de 28 dias); *3 menses = 1 tempus* (ou uma *uicissitudo triformis*); *4 tempora = 1 annus*. e assim por diante (3).

b — A maioria delas são, ainda hoje, correntes entre nós, nem todas com o valor acima atribuído. Certamente, o valor das menores e a precisão com que se dá o “número atômico” do *momentum* hoje nos fazem sorrir! Se quisermos fazer também a nossa enumeração, sem aspirar, no entanto, à precisão medieval, na medida das menores unidades, teremos uma lista semelhante à seguinte:

*Instante, momento, segundo, minuto, quarto-de-hora, meia-hora, hora, vigília (noite), dia, noite, semana, novena, quinze-*

---

(1) — O tratado chama-se *De Diuisionibus Temporum Liber*, consta de XXIX capítulos e acha-se no Migne, *PL*, XC (1904), cols. 653-664.

(2) — *Op. cit.*, col. 653.

(3) — *Id.*, *ibidem*, col. 653.

*na, mês, quarentena, bimestre, trimestre, estação, semestre, ano, lustro, década* (ou *decênio*, ao lado de *biênio, triênio, quatriênio, quinquênio*, e, lá para diante, *milênio*), *quarto-de-século* (ou *quartel-de-século*), *meio-século, século* (ou *centenário*), *sesquii-século* (*sesquicentenário*), *bicentenário, tricentenário* — estes quase todos definidos — e, ainda, *geração, período, época, idade, era, eternidade*, que são unidades de valor indefinido (4)

c — Algumas são mais precisas e mais espontâneas ou mais presas à vida diária, outras são mais arbitrárias e mais imprecisas. Nada nos impediria de usar *ponto-de-tempo*, não com o sentido preciso do *punctus* latino acima, mas no que dá S. Jerônimo ao termo nesta frase, em que *in atomo, in puncto* e *in momento*, aparecem como expressões sinônimas entre si, com o valor de “num abrir e fechar de olhos”:

(. .) *non in tempore, non saltim in breui spatio, sed in atomo et in puncto temporis, atque momento quo palpebra oculo moueri potest* (5).

São Jerônimo está comentando a expressão de São Paulo (*I Cor., 15, 52*) *ἐν ἀτόμῳ, ἐν ῥιπή* (ou *ῥοπή*) *ὀφθαλμοῦ* que ele adiante cita e diz que assim os latinos traduziram por “*in momento et in ictu*”, ou *in motu oculi* (6).

d — O grego *ἐν ἀτόμῳ*, de *I Cor., 15, 52*, discutido por São Jerônimo nesse passo citado, ocorre em alguns passos patrísticos de citação ou exegese desse texto ou dele derivados. Eis os três mais antigos:

1 — *Omnes quidem resurgemus, non autem omnes demutabimur, in atomo, in momentaneo motu oculi, in nouissima tuba* (*Ter., Res. Carnis, 42*) (*init.*) (7)

---

(4) — Os derivados com sufixos *-ena, -ênio* (< *annus + -ius*) e *-arius* poderiam aparecer com outros números como *cinquientena, septênio* e *quatricentenário*, mas nossa lista só enumera os mais correntes.

(5) — *Ad Mineruinum et Alexandrum, Epist. CXIX, 2*, (in *Cartas de San Jeronimo*, BAC, tomo II, Madrid, 1962, p. 418) (“não “num tempo”. nem mesmo “num breve espaço de tempo”, mas “num átimo e num ponto de tempo”, e “no momento em que a pálpebra do olho se pode mover”). No *Prologus in Danihele Propheta*, 3.o §, ele fala em *in puncto horae*, como fração mínima do tempo.

(6) — *Idem, ibid., Epist. CXIX, 5*, p. 420.

(7) — Migne, *PL*, II (1879), col. 900.

- 2 — *Cum in atomo, in momentaneo oculi motu, in nouissima tuba et mortui resurgent incorrupti* (Id., *ibid.*, 41 (*in med.*) (8).
- 3 — ( . . ) (*nos*) *demutati in atomo in angelicam substantiam* ( . . ) *transferemur in caeleste regnum* (Id. *Adu. Marc.* III, 24) (9).

Mas a julgar da documentação dada por Liddell and Scott e pelo *Dicionário* de Lampe, seu continuador no domínio da *Patrologia Grega*, o uso do sintagma ἐν ἀτόμῳ não foi corrente em grego (10), apesar de insistirem os computistas latinos da escola de Santo Isidoro na aplicação do *atomus* ao tempo (11).

e — Demoro-me na expressão *in atomo* de Tertuliano, de tão pequena demora, porque, por incrível que pareça, ela sobrevive por empréstimo no port. *num átimo* e no it. *in un attimo*, “num abrir e fechar de olhos” Como explicar por que *atomus*, em empréstimo culto, passou a *átimo* e *attimo* em duas línguas distantes, sem comunicação, ao que parece, é que não atino (12).

2 — Essas unidades de tempo, salvo as menores, dependem quase todas do Sol e da Lua. E é bem certo que, com exceção de *dies*, têm todas valor arbitrário. Do Sol derivam o *dies* e suas frações complexas arbitrárias e o *annus* e seus múltiplos; da Lua derivam a *hebdomada* e o *mensis*. A semana coincide com um quarto da Lua,

---

(8) — Idem, *ibid.*, col. 917 (*in med.*). Essas palavras são textualmente as de *I Cor.*, 15.52.

(9) — Idem, *ibid.*, col. 385 (*init.*) “( . . ) nós, transformados, num átimo, em substância angélica, seremos levados para o reino celeste”

(10) — Há uma frase de Ário, em carta a Eusébio de Nicomédia, conservada em Epifânio, *Adv. Haer.*, 69, 6, que diz: οὐτ' ἐπινοία οὐτ' ἀτόμῳ προάγει ὁ Θεὸς τοῦ γιου “nem em pensamento, nem por um momento Deus antecede o Filho” (Migne, *PG*, 42, 212 (*init.*) Além disso, Liddell and Scott cita Símaco (II-III A. D.) na trad. de *Isaias*, 54, 8, ἐν ἀτόμῳ ὀργῆς (*Vulg. in momento indignationis*), e ainda ἐν ἀτόμῳ, em Arist., *Physica* 236a 6, e o adv., ἀτόμως, “imediatamente”, em Arist. *Ars Poet.*, 79a 33.

(11) — Quanto aos computistas eclesiásticos latinos, como estamos vendo do texto do discípulo de Isidoro, o *atomus*, o ponto de partida como unidade de tempo, é a unidade indivisível — *atomus in tempore* — assim definido por S. Isid.: . . . *quousque venias ad tantum temporis punctum et quandam momenti stillam, ut per nullam morulam produci potest* (“ . . até se chegar a um pontinho de tempo e a uma gotinha de momento, tal que não pode alongar-se pela mínima demora”) (*Orig. XIII*, 3).

(12) — O Aulete (ou os seus editores da 3.ª edição) critica uma nota de Cândido de Figueiredo, em termos inaceitáveis à luz do que ficou exposto: *in atomo* em latim não é *língua* mas *fala*.

e o mês, de 28 dias, que é, como se viu, o normal, medindo todo um ciclo lunar, embora só fevereiro tenha 28 dias (13).

a — Os nomes de todas as unidades de tempo enumeradas na secção precedente continuam em uso, mas algumas, sobretudo as divisões inferiores à *hora*, hoje têm valor diverso. Também a sua presença na vida diária varia de acordo com o progresso técnico e o dos meios de comunicação: popularização do relógio de bolso ou pulso, do rádio manual ou de bolso, de pilha ou transistor, difusão da imprensa. Cabe citar ou lembrar alguns fatos típicos.

1.º — Há meio século em geral o sitiante e o fazendeiro dispensava relógio. Alguns procuravam o almanaque, que lhes dava as semanas, os quartos da Lua, as sugestões para plantação e algumas anedotas. Para o resto, era o Sol. Hoje, o rádio, generalizado, a televisão, mais restrita, mas já não tanto, dão muito mais, inclusive a hora exata, o horóscopo, as notícias, a previsão do tempo, etc.

2.º — Um caboclo da minha terra, quando eu era criança, há pouco mais de meio século, foi fazer o registro do óbito de um parente. Quando o oficial do registro civil lhe perguntou a hora do falecimento, ele respondeu sem pensar: "*fartava duas braça pra o sole entrá*" Quem ouve ou lê esta narrativa sorri; mas o certo é que o oficial entendeu a "mensagem" e anotou: "Às 17 horas"! O relógio e o rádio, hoje, fazem rerrar incidentes como esse. Como esse e como o da narrativa folclórica, também do tempo da minha infância, que contava a história de um povoado que "perdera o dia" — da semana e do mês — e precisou enviar um mensageiro a outro povoado distante, para "buscá-lo" A história terminava com a gente toda do povoado cantando e dançando, ao receber o mensageiro de volta:

*Óia o dia chegado: lê vem o dia!* (14).

---

(13) — A semelhança entre os nomes dos meses e os da *Lua* em línguas de vários grupos I. E. — como nas línguas germânicas, e nalgumas eslavas — e o fato de *luna* em romeno ser "lua" ou "mês", não são casos fortuitos. Cf. Boisacq, *DELG*, s. v., μήν; Meillet-Ernout, *DELL*, s. v. *mensis* (*in fine*).

(14) — Esse *lê*, freqüente na fala da minha terra, tem o valor de *lá*. Há também uma forma *ê*, que é evolução fonética de *ái* proclítico, e equivale a esse advérbio, aliás, sinônimo de *lá*, no caso. *Lá* e *ái* se usam antes de formas de *ir*: *Lá vai ele, aí vai ele*; *ê* e *lê* usam-se apenas antes de formas de *vir*: *ê vem ele, lê vem ele*. Evidentemente, a fala culta usa *ái* e *lá* também antes de formas de *vir*: *lá vem ele, aí vem ele*. *Lê* se explica ou por redução de *lá* + *ê*, redundante, ou pela quarta proporcional: *ái* está para *lá*, assim como *ê* está para *x*. E o *x* é *lê*. A melhor explicação talvez seja esta explicação "estruturalista" (a analogia dos antigos).

3.º — Mesmo aqui em São Paulo, há menos de 20 anos, havia uma casa que mantinha o dia inteiro, como propaganda, uma telefonista, que, monótona e pacientemente, com dois aparelhos à mesa, atendia aos que telefonavam apenas para pedir a “hora certa” Se não me falha a memória — a quem recorro, porque a casa já nem consta na Lista Telefônica —, era a *Casa Oinegue*. A mocinha, pacientemente, repetia a hora, os minutos e os segundos, sem um momento, isto é, sem “564 átomos”, de descanso. Hoje, basta meter a mão no bolso, tirar o relógio, ou antes, olhar o pulso, e o relógio — que marca segundos, minutos, hora, dia, semana e mês, diz tudo na hora, ou ligar o radiozinho e esperar 15 segundos, ou “564 átomos”, e, pronto: ter-se-á “a hora certa”, e o resto. Tudo isso valoriza a hora, os minutos, os segundos, mas é preciso ressaltar que não chega a desvalorizar a semana. A prova disto é que ela também entrou no quadrante.

b — Naturalmente uma unidade como a *vigília*, que era um dos quartos em que se dividia a noite — do pôr-do-sol à tarde ao amanhecer do dia seguinte — terminando a segunda e começando a terceira à meia-noite, ficou hoje arcaizada. Os nossos dicionários — refiro-me especialmente ao *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, ao *Novo Dicionário Brasileiro Ilustrado*, da Melhoramentos, e ao *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (o Aulete), que são dos melhores, cada um no seu domínio — ou ignoram ou definem mal o seu sentido clássico de “unidade de tempo”, que não era o básico, mas já translato. Não se alegue em sua defesa que o dicionário da língua deve ser “sincrônico” O que leva o consultante ao dicionário são, em geral, os textos e não a língua falada — o próprio dicionário é já “língua escrita” — e os textos pertencem a uma sincronia de faixa muito larga, não sendo possível alinharem-se na estante dicionários para cada século ou semi-século (15) Eis os principais sentidos registrados para *vigília* pelo primeiro enumerado:

---

(15) — A arcaização dum termo nunca é definitiva: o uso pode ficar regional, na obra escrita e ainda lida, ou ser renovado toda vez que, escrevendo hoje, o autor se refere a fatos, usos e costumes do passado. Quem iria, hoje, substituir *conto de réis* por *um cruzeiro nova* nas obras de Machado de Assis, que até que não é lá muito antiquado?! Dizem que houve quem o fizesse para Alencar. Mas veja-se a que se reduziria a ironia do famoso início do Cap. XVII das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* do nosso romancista com esse “aggiornamento”: “Marcela amou-me durante quinze meses e *onze cruzeiros novos*; nada mais. Meu pai, logo que teve aragem dos *onze cruzeiros novos*, sobresaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil”

“insônia” (já translato), “cuidado” (id.), “véspera de festa” — sentido religioso, não sei até que ponto vivo, a não ser, talvez, em *noite-de-vigília*. O segundo acrescenta o clássico — “cada um dos quartos em que se divide a noite” — como se se tratasse de um fato atual, e define também *vigília-de-armas* como um fato atual. O terceiro ignora esta expressão e dá a definição do sentido clássico também no presente. Ora, hoje não mais se fazem *vigílias-de-armas* nem se dividem as noites em quartos: a definição deve ter o verbo no imperfeito.

c — Outra observação que merecem as nossas unidades, especialmente as menores, é que elas comportam diminutivo: *segundinho*, *minutinho*, *horinha*, nem sempre com conotação afetiva, nem se falando de *nadinha*, que não entrou na lista. Não seriam absolutamente vedados, embora soem um pouco estranhos, *semaninha*, *mesinho*, *aninho*, a menos que para medir, com certa afetividade, o desenvolvimento de crianças. *Semestrinho* era possível quando eram desiguais os dois semestres do ano letivo, e ainda o é para se opor o *semestrinho* do aluno — o de quatro meses — ao *semestrão* do professor, que é de cinco meses e meio. Mas aí há também pesada carga conotativa.

3 — Essas unidades inferiores ao *dia* não se sente que recorrem. São por isso usadas, muito usadas, mas não percebidas. As bem percebidas são o *dia*, a *semana*, o *mês* e o *ano*. O *dia*, porém, não transcorre independente: associa-se quase necessariamente à semana ou ao mês, em alternância ou soma, ou — aqui entra uma nova marca — à festa do calendário, naturalmente menos agora, nestes tempos de secularização, salvo em certos meios mais religiosos e conservadores. Entretanto, por ser a *semana* que introduz e mantém um ritmo sensível na vida — seis dias de trabalho e um de descanso — é ela que governa o quotidiano.

a — À pergunta — “Que dia é hoje” —, isolada de qualquer associação contextual com *semana* ou *mês*, ou se responde sem hesitação ligando o dia à semana — “*Hoje é terça-feira*”, “*Hoje é sexta*” —, ou se responde com outra pergunta, solicitando o contexto — “*Da semana ou do mês?*” — e, talvez menos, — “*Do mês ou da semana?*” —, ou se responde dando o dia do mês. As hipóteses estão, parece-me, na ordem das probabilidades. Tinha eu feito estas suposições meio empíricas, antes que leituras vadias me deparassem dois textos, um brasileiro, outro de autor colombiano.

1.º — O brasileiro é de Ricardo Ramos (16), em edição sem data, mas recente:

(16) — *Os Desertos*. Ed. Melhoramentos São Paulo, s-d., conto “Terno de Reis”, p. 94.



“Alisando o cabelo, agastado, Severino demorou os olhos no vigia, mudou-os para o carpinteiro e perguntou de repente:  
— Que dia é hoje?  
O negro fumava, o português respondeu surpreso:  
— Quinta, não é?  
Severino insistiu:  
— O dia?  
— Seis”

2.º — O outro é uma saborosa cena de batizado em que entram personagens rústicos. E’ o pároco que narra em discurso direto (17):

“Pasé al despacho, contesté al saludo de todos los que estaban en el zaguán, y empecé al interrogatorio para asentar la partida.  
— ¿Cuándo nació el niño? — pregunté, y contestó la llorona:  
— No se sabe, mi señor doctor.  
— ¿Es hijo legítimo?  
— Liffítimo sumercé, es de casaos en los defercicios.  
— ¿Qué nombre quiere que se le ponga?  
— Como es hijo de bendición, quijiéramos que jueeera. Jermincito; ¿no sera güen nombre ese?, mi señor doctor?  
— Si, muy bueno, José Fermín; pero dígame, ¿cuándo nació?  
— Un lunes sí jué, pa amanecer un martes.  
— De qué mes, y en qué fecha?  
— Puus hasta allá si no percato yo — dijo la que traía el niño —; pero jué como el día de las benditas ánimas de este año.  
— Amenito, dijo otra.  
— Dos de noviembre; al fin salimos — dije.  
— Mi señor doctor — dijo la madrina —, si ése es el nombre que le caye, ése sí no nos acomoda, que le salga otro más mejor.  
— ¡No! hablo de la fecha; el nombre es José Fermín ¿entenden? (17).

b — Esse exemplo colombiano ilustra o uso do dia da semana mesmo para uma data já distante e deixa ver que a boa da comadre nem entendeu quando o pároco disse *dos de noviembre*, e julgou que ele falava do nome de batismo. Em geral, no entanto, a semana

---

(17) — Fermín de Pimentel y Vargas — “Um sábado en mi parroquia”, de *Escenas de la Gleba*, Bogotá, 1918, pp. 92 e ss., apud Manuel Alvar, *Textos Hispánicos Dialectales (Antología Histórica)* CSIC, Madrid, 1960, vol. II, p. 639.

ocorre no quotidiano. Eis como, desprezadas variantes possíveis, se escalonam as expressões:

- 1) para os dias vizinhos do ato da fala: *trás-anteontem, anteontem, ontem, hoje, amanhã, depois de amanhã* (6 dias);
- 2) para os dias mais afastados, ainda no domínio da semana e do mês:
  - *a semana retrasada* (pop.) (18), *a semana atrasada, a semana passada* (ou *a última semana*), *esta semana, a semana que vem* (ou *a próxima semana*) (4 ou 5 semanas, sem precisar o dia);
  - *o domingo retrasado* (pop.), *o domingo atrasado, o domingo passado* (19) *o domingo que vem* (ou *o próximo domingo*), e, assim, qualquer outro dia da semana (4 semanas, com precisão do dia); podendo vir em aposição, com redundância, *o dia do mês*;
  - *o domingo da semana retrasada* (pop.), *o domingo da semana atrasada*, etc. (combinação dos dois modos precedentes, ressaltando o dia e a semana);
- 3) para fatos mais distantes, fora do domínio da semana: apenas *o dia do mês*, e conforme a distância, o ano: *15 de dezembro, 15 de dezembro de 1960*.
- 4) para fatos habituais e regulares, ou o *dia da semana*, no plural, regido de *a*, ou determinado por *todo(s) toda(s)*, ou *o dia do mês*, em fórmulas como *no dia 10 de cada mês, todo dia 10 do mês*, etc. Mas, como ainda se verá, a periodicidade é mais freqüente com a semana.

c — As soluções do primeiro grupo ficam dentro do âmbito semanal, pois compreendem seis dias, em seqüências que podem emendar semanas, se o *hoje* está no fim ou no início duma delas. As soluções do segundo grupo ficam dentro do ciclo mensal, pois abrangem quatro semanas, em seqüências que podem emendar dois meses. As do terceiro grupo ficam dentro do ciclo anual, se não se indicar o número do ano. Nesse caso, pode-se repetir o esquema

---

(18) — *Retrasado*, ignorado do Lelo e do Aulete e da *Enc. Delta Larousse*, é mal definido pelo NDBI da Melhoramentos e melhor definido pelo PDBLP da Civ. Brasileira. E', ao que parece, termo popular brasileiro, que se explicaria como redução de *re + atrasado*, "anterior ao atrasado"

(19) — *Este domingo, esta quinta-feira*, indicando "o dia em que se está", é raro; mais freqüente é o uso da fórmula no valor de "domingo próximo", "quinta-feira próxima", ou, talvez mais raramente, "domingo passado", "quinta-feira passada"

das segundas soluções: *15 de dezembro do ano passado, deste ou do próximo ano*. Assim ou com indicação do número do ano, se pode sair do ciclo anual. O encadeamento que fica patente é o seguinte: o *minuto* só é da *hora*, a *hora* só é do *dia*, o *mês* só é do *ano*, mas o *dia* pode ser da *semana*, do *mês*, ou do *santo do calendário* (ou da *festa litúrgica ou cívica*), e a *semana* só é do *mês* se determinada pelo ordinal ou por outro determinante: *primeira, segunda, terceira, quarta, uma, aquela, qualquer semana de dezembro*. Mas, diferentemente das outras unidades, o ciclo semanal e o mensal são concorrentes.

d — O uso cuja descrição ficou acima esboçada é o oral e o escrito, o da língua literária e o da coloquial, naturalmente de ocorrências mais freqüentes nos gêneros narrativos do quotidiano, como as crônicas, o noticiário e os comentários jornalísticos, sem distinção de secção ou nível: notícias do estrangeiro, comentários oficiais, notícias políticas, notícias locais, notícias e comentários artísticos, esportivos, policiais. Talvez não seja desinteressante detectá-lo difetamente num jornal. Vejam-se, por exemplo, alguns extratos de três números distanciados de *O Estado de S. Paulo* (20).

1) Número de 23-3-1968 (um sábado):

— *Ontem* choveu e *hoje* deve chover também. Uma frente fria apareceu *quarta-feira* sobre o Rio Grande e em 18 horas chegou a São Paulo, onde encontrou uma frente quase estacionária. Do choque das duas, surgiu a chuva. Isso aconteceu *ontem*, mas *anteontem* os meteorologistas já sabiam e avisaram os jornais: “Tempo passando a instável, com chuvas no período e temperatura em declínio” Era muito importante que a previsão se confirmasse, porque *hoje* se comemora o Dia Internacional do Meteorologista e não ficaria bem errar o tempo *nesse dia*” (p. 11);

2) Número de 27-8-1972 (um domingo):

— *Na quarta-feira da última semana*, houve um “putsch” ( ). (Oufkir) era bastante corajoso: vinte medalhas, doze menções honrosas o provam. E mais uma vez o demonstrara no *dia 10 de julho de 1971* ( ). De vez em quando, dava ao rei sua palavra de honra de que o exército era leal. E o rei viu, na *quarta-feira da última semana*,

---

(20) — Para abreviar, suprimi expressões dispensáveis, indicando-o por ( ), tentando manter claro o contexto.

que a informação era falsa (. .). (Oufkir) partira sozinho ou quase, com um revólver na mão. Como *nessa noite de julho de 1971* (. .). *Quarta-feira, 16 de agosto*: o rei Hassan II volta a Marrocos (. .). (Oufkir) está morto. Às 0 h 30 de *quinta-feira* repete o gesto já esboçado há alguns meses (. .). Desde a noite de *quarta-feira da última semana* a base de Kenitra (. .) fora cercada (. .). O governo marroquino, na manhã de *quinta-feira*, comoveu-se (. .) com a “leviandade” dos técnicos norte-americanos (p. 240);

3) Número de 16-12-1972 (um sábado):

- A Apolo 17 (. .) iniciará *hoje* à noite a longa viagem de regresso à Terra, que terminará na *terça-feira* nas águas do Pacífico (p. 1);
- Allende, que retornou a Santiago *quinta-feira* à noite, encerrando uma viagem de *15 dias* ao exterior (. .) (p. 1);
- Lanusse declarou que, no momento em que entregar o poder ao novo presidente da República, que deverá ser eleito a *11 de março próximo*, abandonará a carreira militar (. .). Há *duas semanas* (. .) um dos jornalistas fez-lhe uma pergunta (. .) (p. 3);
- *Hoje* à noite (. .) os astronautas deixarão a órbita lunar e começarão o retorno, rumo ao Oceano Pacífico, onde descerão na *terça-feira* (. .). *Amanhã* será transmitido pela televisão um passeio (p. 5);
- Cansados dos esforços de *quinta-feira à noite* (. .), os astronautas só despertaram *ontem* (p. 5);
- Larry Stanford (. .) já estava sob tratamento psiquiátrico quando decidiu seqüestrar o aparelho da *Quebec Air quinta-feira* (p. 4);
- (. .) misterioso seqüestro, em plena rua Pedro Álvares Cabral, às 13 e 30 de *quinta-feira* (p. 6);
- Morreu *quinta-feira* à noite em seu apartamento romano, aos 73 anos, o pintor e cenógrafo Eugene Berman (p. 7);
- Foi inaugurada *quarta-feira* ( ) uma exposição de 20 obras do pintor brasileiro Marco Paulo Alvim (p. 7);
- Os assaltantes voltaram a agir contra as casas de loteria esportiva, como tem ocorrido com freqüência *nas vésperas de sextas-feiras* (= “nas quintas-feiras”), quando é feito o balanço das apostas (p. 15);
- (F. A.) ( . .) desapareceu na noite de *26 de novembro*. O delegado (. .) calcula que ele esteja morto há *uma sema-*

na, enquanto outros policiais garantem que a morte ocorreu pelo menos há *dez dias* (p. 16).

e — Os exemplos, tirados de várias secções, são coerentes: só se registrou um caso de *dia da semana* + *dia do mês* e nenhuma dessa mesma combinação redundante em ordem contrária. O próprio jornal já se data usando essa fórmula: “Quinta-feira, 7 de setembro de 1972” E’ inútil testar essa linguagem pela de outros jornais brasileiros ou estrangeiros, de estilo plasmado na cultura européia: o resultado não poderia ser muito diverso. Apenas por curiosidade, e porque se trata de uma variedade românica popular que nenhum contacto teve com o português, transcrevo alguns exemplos de um jornal suíço, de que acabo de receber alguns números de agosto de 1972, a *Gasetta Romontscha*, publicada em Disentis-Mustêr, na Sobresselva (NW dos Grisões). Ali se fala o sobresselvano, em que está redigido o jornal (21).

- |   |   |
|---|---|
| — <i>Venderdis vargau ei el parlament dil principat dil Liechtenstein seradunaus ad una sessiun speciala.</i> (1.º-8-1972, terça-feira, p. 2).              | Sexta-feira passada o parlamento do principado de Liechtenstein reuniu-se numa sessão especial.   |
| — <i>La sonda ha giu liug a Cuera la secunda e davosa concorrenza publica de qualificaziun per l’olimpiada dils “Günthard Boys”</i> ( <i>ibid.</i> , p. 3). | No sábado realizou-se (lit. “teve lugar”) em Coira a segunda e última concorrência pública para qualificação para a olimpíada dos “Günthard Boys” |
| — <i>Mesjamna proxima vegn il Cussegl federal a decider tgei avium cumprar per nossa aviatica</i> (14-8-72, segunda-feira, p. 2)                            | Quarta-feira próxima decidirá o Conselho Federal que avião comprar para a nossa aviação.  |

---

(21) — Como se sabe, o rético (ou reto-românico) apresenta-se em três núcleos descontínuos: 1) O oriental, ou friulano (Friul); 2) o central (ou tirolês) (Tirol italiano); 3) o ocidental (ou suíço ou grisonês) (Grisões) Este último apresenta dois subdialetos básicos: o dos Grisões norte-ocidentais (alto Reno, que é o *romanche*, sobresselvano (*tschalovês*) e subselvano — e o dos Grisões sul-orientais — que é o *ladino* — alto engadino (*putêr*) e baixo engadino (*vallander*). Disentis-Mustêr que é o centro engadino católico, que cultiva o sobresselvano.

- *La gievgia vargada ein ils presidents communs dalla Cadi seradunai a Trun (. .) per tractar entginas impurtantas damondas (ibid., p. 3).* Na quinta-feira passada os presidentes comunais da Cadi se reuniram em Trun (...) para tratar de algumas questões importantes (22)

4 — Na crônica literária, acontece o mesmo: é o quotidiano que interessa. Na crônica de *Revistas*, ou semanários, é a semana que se põe em foco. Lembrem-se apenas, de passagem, o título e o conteúdo das famosas crônicas de Machado de Assis (1892-1897 e 1900). O romance, o conto e as cartas também se alimentam do quotidiano. Portanto, aí também a semana supera o mês. Bastem, para ilustrar o caso, alguns trechos pitorescos das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e do *D. Casmurro*.

1) *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

- Dito isto, expirei às duas horas da tarde de *uma sexta-feira do mês de agosto de 1869*, na minha bela chácara de **Catumbi** (cap. I, § 2.º);
- (. .) meninice supõe nascimento, e eis aqui como chegamos nós, sem esforço, ao dia *20 de outubro de 1805*, em que nasci (. .). Vamos ao dia 20 de outubro (cap. IX);
- Item, não posso dizer nada do meu batizado, porque nada me referiram a tal respeito, a não ser que foi uma das mais galhardas festas do *ano seguinte, 1806*; batizei-me na igreja de S. Domingos, *uma terça-feira de março*, dia claro, luminoso e puro, sendo padrinhos o Coronel Rodrigues de Matos e sua senhora (. .) (cap. X, 5.º §).

Note-se como o primeiro texto destaca o dia da semana, ressaltando o fato de ser *sexta-feira* e omite o dia do mês, embora dê o ano. O segundo é normal. O terceiro, igualmente, dá o dia da semana e o mês, mas omite o dia deste.

2) Agora os de *D. Casmurro*:

- Elogiavam as qualidades de Escobar. Um ou outro discutia o recente gabinete Rio Branco; estávamos em março de 1871. Nunca me esqueceu o mês nem o ano (cap. CXXII, fim do 2.º §);

---

(22) — *Cadi* é o circuito de Disentis, e *Trun* uma aldeia desse circuito.

- Capitu propôs metê-lo (Ezequiel) num colégio, donde só viesse *aos sábados*; custou muito ao menino aceitar a situação (cap. CXXXII, § 5.º);
- *Aos sábados* buscava não jantar em casa e só entrar quando ele estivesse dormindo; mas não escapava *ao domingo* no gabinete (*ibid.*, fim);
- Fui eu mesmo que o levei um dia de manhã, *uma segunda-feira* (*ibid.*, § 7.º);
- Um dia — era *uma sexta-feira* — não pude mais. Certa idéia, que negrejava em mim, abriu as asas e entrou a batê-las de um lado para outro, como fazem as idéias que querem sair. O ser *sexta-feira*, creio que foi acaso, mas também pode ter sido de propósito; fui educado no terror *daquele dia*; ouvi contar baladas em casa, vindas da roça e da antiga metrópole, nas quais a *sexta-feira* era o dia do agouro. Entretanto, não havendo almanaques no cérebro, é provável que a idéia não batesse as asas senão pela necessidade que sentia de vir ao ser e à vida (cap. CXXXIII).

E' Bentinho que fala em todo o romance. No primeiro texto, dia do enterro de Escobar, ele diz: "Nunca me esqueceu o *mês* nem o *ano*" Não lhe esquecerá tampouco, embora aí não se diga, o *dia da semana*. Era *um sábado*, como ele deixa ver, falando ironicamente à viúva do seu amigo, chamando-a "D. Sancha", no cap. CXXIX. Esquecera, sim, o *dia do mês*. O segundo e o terceiro textos introduzem o fato habitual ou periódico, com o dia da semana. O quarto e o quinto dão o dia da semana e omitem o do mês. A semana predomina.

3) Para ilustrar o fato em cartas, venha apenas uma exemplo pitoresco de Euclides da Cunha, escrevendo a Vicente de Carvalho:

"São Paulo, 11-10-902 (uma quarta-feira).

"Vicente de Carvalho — aqui cheguei *sábado*; fiz o Relatório *no domingo*; entreguei-o *segunda-feira*, mas não voltei *na terça* para Lorena, resolvendo fazê-lo somente *hoje, quarta*, pelo noturno, a fim de cumprir a promessa de esperá-lo aqui" (23).

---

(23) — Em Francisco Venâncio Filho — *Euclides da Cunha a seus Amigos* (Brasília, n.º 142) CEN, São Paulo, 1938, p. 77 (= E. da Cunha, *Obras Completas*, Aguilar, 1966, p. 619)

Parece até um texto escrito de encomenda! E, realmente, nesse aspecto, é documento ímpar no epistolário. E' evidente que em *Cannudos, diário duma expedição*, ou nos artigos "Dia a Dia", do mesmo Euclides, escasseiam menções da *semana*, e, na verdade, é curiosa a exceção, porque ali o terreno é da crônica, e não da historiografia. Ao historiador interessa a data precisa — *dia-do-mês*, *mês* e, às vezes, *hora*, e, conforme o caso, *dia-da-semana* e *santo-do-dia*.

5 — Ao cronista, anotador antigo ou prosador moderno — este último de subgênero que só agora começa a entrar para as histórias de literatura — mais presente é a semana. Aqui exemplificamos apenas com o anotador antigo, que usava quatro processos:

- 1) *dia da semana* apenas;
- 2) *dia da semana* + *dia do mês*;
- 3) *dia da semana* + *santo do dia* (dia litúrgico);
- 4) *dia da semana* + *dia do mês* + *santo do dia* (dia litúrgico)

A enumeração acima indica empiricamente a ordem de frequência de ocorrência das fórmulas.

a — Uma ligeira vista de olhos sobre alguns deles há de ser de interesse. Para não me alongar, vou limitar-me ao *Diário da Viagem de Vasco da Gama*, do fim do séc. XV, e à *Carta de Pero Vaz de Caminha*, do limiar do séc. XVI. Deixo também de transcrever as fórmulas, para apresentar em dois quadros a frequência de todas as ocorrências:

1) No *Diário da Viagem de Vasco da Gama* (24), em 79 páginas de texto, há, se não contei mal, 104 referências a datas em que entram o dia da semana, o do mês e o santo do dia, isolados ou juntos, conforme o quadro abaixo, que dá os fatos na ordem:

— só o dia da semana	56	ocorrências
— o dia da semana e o do mês	30	"
— só o dia do mês	6	"
— o dia do mês e o da semana	2	"
— o dia do mês e o do santo do dia	2	"

---

(24) — *Diário da Viagem de Vasco da Gama* (facsimile do códice original, transcrição e versão em grafia atualizada). Edição de Damião Peres, António Baião e A. de Magalhães Basto. Livr. Civilização-Editora, Porto, 1945, 2 vols.



— o dia da semana, o do mês e o do santo	3	”
— o dia do mês, o da semana e o do santo	1	”
— o dia do mês, o do santo e o da semana	1	”
— o dia da semana, o do santo e o do mês	1	”
— o dia do santo e o do mês	1	”
— o dia do santo (ou litúrgico)	1	”
	<hr/>	
Total de ocorrências	104	

Vê-se aí como a semana reina.

2) *A Carta de Pero Vaz de Caminha* (25) é mais pobre.

E compreende-se: o que ele queria era dar ao rei “a nova do achamento” da terra. Os pormenores da viagem, que eram os que consumiam os dias, ele ignora-os. Antes do fim do verso da primeira folha, já ele entra nas curiosidades da terra. Por isso só há 14 referências às datas que nos interessam, se bem as contei. E assim se distribuem:

— só o dia da semana	8	ocorrências
— o dia da semana e o do mês	5	”
— o dia da semana, o do santo e o do mês	1	”
	<hr/>	
Total de ocorrências	14	

Ainda aí a semana reina no quotidiano.

b — Os hagiógrafos medievais, narradores de lendas taumatúrgicas, parece que eram ainda mais libertos do dia do mês. E cabe notar que não se deve isso a qualquer valor místico ou mágico que atribuissem ao dia da semana, como ironiza um dos textos do *D. Casmurro*, atrás citado. Esse valor supersticioso existia, e será adiante discutido, mas não no caso dos milagres. Uma contagem rápida, nas 195 páginas do texto de *Les miracles de Saint Louis*, de Guillaume

---

(25) — *Vocabulário da Carta de Pero Vaz de Caminha* (edição facsimilada, dirigida por A. G. Cunha, e leitura diplomática de Sílvio Batista Pereira). I.N.L. (MEC), Rio de Janeiro, 1964 (O texto facsimilado e o diplomático estão nas pp. 122-176) Há também a edição de Jayme Cortesão: *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Livros de Portugal, Rio de Janeiro 1943, o texto facsimilar e a leitura diplomática estão entre as pp. 132 e 191, e às pp. 199-241 a leitura moderna da carta.

de Saint-Pathus, confessor da rainha Marguerite, do fim do séc. XIII (26), acusa o seguinte resultado (sujeito a revisão, mas talvez para mais):

<i>jour de vendredi</i> (ou só <i>vendredi</i> )	19	ocorrências
<i>jour de mercredi</i> (ou só <i>mercredi</i> )	14	”
<i>jour de dimanche</i> (ou só <i>dimanche</i> )	13	”
<i>jour de jeudi</i> (ou só <i>jeudi</i> )	10	”
<i>jour de samedi</i> (ou só <i>samedi</i> )	9	”
<i>jour de mardi</i> (ou só <i>mardi</i> )	6	”
<i>jour de lundi</i> (ou só <i>lundi</i> )	4	”
<i>jour de la fête de saint.</i> (ou equivalente)	17	”
<i>un jour de cele semaine</i>	2	”
dia do mês + dia da semana	1	”
dia do santo + dia do mês	1	”
	97	
Total de ocorrências		

c — Essa riqueza de ocorrências populares da fórmula *jour+de+nome do dia da semana* é de especial interesse e ainda será objeto de estudo mais detido. Creio, porém, que não é descabido antecipar algo sobre a freqüência de expressões como *dia-de-domingo*, *dia-de-segunda*, etc., na nossa fala, na fala da minha terra, e lembrar a abundante documentação dela na obra de Guimarães Rosa (27).

d — Cabe, sobretudo, transcrever este admirável texto de metalinguagem, em que, em discurso indireto livre, ele fixa a estranheza de Manuelzão — vindo do Maquiné, mas natural do Alto Oeste, do lugarejo do Min, na Mata do Andrés, no Pium-I (28) — ante o linguajar do povo da Samarra:

---

(26) — Guillaume de Saint-Pathus, confesseur de la Reine Marguerite — *Les miracles de saint Louis* (édités par Percival B. Fay) Paris, Libr. Anc. Hon. Champion, 1932.

(27) — Ver, por ex., *Sagarana*, 4a. ed. (1956), 144: *dia-de-festa-de-santo*; *Corpo de Baile*, 1956, 1.o vol. 267, *dia-de-domingo*; 276, *dia-de-domingo e domingo*; 288, *dia-de-sexta*; 296, *dia-de-domingo*; 373, *dia de seguinte* (analógico), *que era de domingo*; *Corpo de Baile*, 2.o; 649, *dia-de-domingo*; 673, *dia-de-domingo* ou *dia-santo*; *Grande Sertão*; *Veredas* (1956), 672, *dia-de-domingo*.

(28) — Guimarães Rosa explora o problema ortográfico dessa cidade, sede do município onde nasce o Rio São Francisco, a cerca de 50 quilômetros da represa de Furnas. A grafia antiga era *Piumhy*. Hoje, se *Piui* é impossível porque não pomos til sobre *u*, só resta *Pium-i*. Guimarães Rosa exagerou no *I*.

“Falavam limpo duro. Eram diversos. Povo alegre, ressecado. Manuelzão era que, no meio deles, às vezes se sentia mais capiau. E, no começo, ele mais sua meia-dúzia de pessoal trazido do Maquiné, quase que muita coisa não entendiam bem, quando aqueles dali falavam. Linguajar com muitas outras palavras: em vez de “segunda-feira”, “terça-feira”, era “*desamenhã é dia-de-terça, dia-de-quarta*”; em vez de “parar”, só falavam “*esbarrar*” — parece que nem sabiam o que é que “parar” significava; em vez de dizerem “na frente, lá, ali, adiente”, era “*acolá*”, e “*acolá-em-cima*”; e “*p’r’acolá*”, e “*acoli, p’r’acoli*” — quando era para trás, ou ali adiente de lado. (29).

e — Observo ainda, igualmente de passagem, que, embora não haja aí a mística do dia, o *domingo*, a *quarta-feira*, a *sexta-feira* e o *sábado*, e os dias santificados ou do calendário litúrgico, entram em maior proporção. Por que isso? E’ que *domingos, sábados e dias litúrgicos* eram dias de maiores atividades religiosas coletivas. Assim também as *quartas e sextas-feiras*, dias de jejuns, eram dias de encontro nos templos e de encontros com o taumaturgo.

6 — Poder-se-á alegar que isso era na época medieval, de profunda religiosidade. A d’agora é científica e de progresso técnico, dessacralizada. Mas são exatamente o progresso técnico, a organização e o planejamento da vida que consagraram a *semana*. Alguns destes se atenuaram, mas a organização da vida moderna está mais no fundamento semanal que no mensal ou no diário.

a — O homem rústico ainda segue o ritmo dos seis dias de trabalho na roça e o sétimo, de guarda, de visitas, de negócios com vizinhos no povoado, e de atividades religiosas. O da cidade alterna cidade e praia, ou cidade e campo, na movimentação dos *week-ends*. Também a cidade, coletivamente, tem ritmo semanal. A escola alterna os dias das disciplinas, umas de *segundas, quartas e sextas* e outras de *terças, quintas e sábados*. Além da escola, os hotéis e restaurantes adotam um programa diferente para cada dia — da *semana*, e não do *mês* —, donde o *prato-do-dia*. Museus e certos parques abrem-se à visita pública em certos dias da *semana*, os programas de cinema, de rádio e de televisão seriam-se dentro da divisão semanal. E a propaganda da audiência se faz ressaltando: “*5.a, 8.a, 10.a semana de exibição*”

---

(29) — *Corpo de Baile*, 1956, vol. I, pp. 161-162. Mas se o *Pium-I* de onde vem Manuelzão é esse de 50 quilômetros de Furnas, e 72 da minha terra, não compreendo por que G. Rosa o faz estranhar *esbarrar*, “parar” e *dia-de-terça, dia-de-quarta*. Quanto a *acoli* e *acolá*, de acordo, no sentido de “ali”, “lá”

b — As atividades industriais e comerciais têm seu limite na semana. A classe operária recebe *por semana*. Em muitos países até a classe média é “semanalista” O horário de trabalho é um nos “dias-de-semana” e outro aos sábados. Daí três classes de dias: *dias-de-semana*, *sábado* e *domingo*. As escalas de turmas nas fábricas, em que não se apaga o fogo, ou em atividades como empresas de luz, telefone, gás, correio e telégrafo, transportes, etc., que exigem trabalho seguido, 24 horas por dia, revezam as turmas dentro do esquema semanal, ainda que as folgas não sejam todas aos domingos.

c — Há atividades vedadas em certos dias da semana, algumas por preceitos religiosos, outras por determinações oficiais, outras por preconceitos e superstições. De natureza religiosa são o repouso da *sexta-feira* para os muçulmanos, o do *sábado* para judeus e adventistas, o do *domingo* para os cristãos. Entre os dias santificados, há os que são de base semanal.

7 — A própria *semana*, como a conhecemos, na sua dupla origem — astrológica ou planetária e judeo-cristã — nasceu e viveu em densa atmosfera religiosa de que ainda há resíduos resistentes.

a — A astrológica, cuja formação explica Dion Cássio (30) por duas teorias — a da harmonia das quartas e a dos regentes da primeira hora do dia — talvez melhor se explique pela dos regentes, como se pode ver das tabelas deixadas pelo “Cronógrafo do Ano 354”, relativas a cada um dos sete dias, dando os planetas regentes de cada hora. Os planetas se dispõem na ordem do Septizônio, que os traz conforme o seu afastamento da Terra, partindo do mais afastado:

*Saturno-Júpiter-Marte-Sol-Vênus-Mercúrio-Lua*

b — De acordo com a crença antiga, esses planetas — inclusive o Sol e a Lua — se agrupavam em três classes: *favoráveis (boni)*, *desfavoráveis (noxii)* e *neutros (communes)*.

*Boni (B) — Vênus e Júpiter;*

*Noxii (N) — Marte e Saturno;*

*Communes (C) — Sol, Mercúrio e Lua.*

---

(30) — *História Romana*, Liber XXXVII, caps. 15-19 (Edição de E. Cary e trad. de H. B. Foster na Classical Loeb, vol. III, pp. 123-131; edição Teubneriana de Ludwig Dindorf e Johannes Melber, vol. I, pp. 416-420)

Cada um governava uma hora, a partir do primeiro deles, e o regente da primeira hora do dia era o regente do dia. Como Saturno era o primeiro — o mais distante da Terra —, a primeira hora era a sua e o *dies Saturni* era o primeiro da semana; e Saturno nele reg.a a 1.a, a 8.a, a 15.a e a 22.a horas; a 23.a era de Júpiter, a 24.a de Marte e a primeira do dia seguinte era do Sol, donde o segundo dia ser o *dies Solis*. E assim sucessivamente.

c — A táboa do “Cronógrafo do Ano 354” referente ao *dies Saturni* parece começar na noite anterior, mas a primeira hora que Saturno governa é a do dia e não a da noite. Ela mostra claramente quais as “horas más”, quais as “neutras” e quais as “boas” de cada dia, e, especialmente quais os dias que tinham essas características. Transcrevemo-la aqui, tomando-a a Schürer (31).

Noct.			Diurn.		
I.	Mar.	N	I.	Sat.	N
II.	Sol.	C	II.	Iou.	B
III.	Ven.	B	III.	Mar.	N
III.	Mer.	C	III.	Sol.	C
V	Lun.	C	V	Ven.	B
VI.	Sat.	N	VI.	Mer.	C
VII.	Iou.	B	VII.	Lun.	C
VIII.	Mar.	N	VIII.	Sat.	N
VIII.	Sol.	C	VIII.	Iou.	B
X.	Ven.	B	X.	Mar.	N
XI.	Mer.	C	XI.	Sol.	C
XII.	Lun.	C	XII.	Ven.	B

d — Os dias bons eram o *dies Iouis* e o *dies Veneris*; os maus eram o *dies Martis* e o *dies Saturni*; os neutros eram o *dies Solis*, o *dies Lunae* e o *dies Mercurii*. Evidentemente, aos neutros não se dá atenção. Os bons e os maus são os que alimentam esperanças e temores; estes atravessaram a Idade Média e ainda há resíduos deles em crenças e provérbios.

7 — Mas houve o encontro da semana judeo-cristã com a astrológica. Encontro e concorrência, competição, luta. E algumas superstições se atenuaram; outras se afirmaram: esperanças e temores.

(31) — *Monumenta Germaniae Historica Auctores Antiquissimi*, tomo IX (ou *Chronica Minora*, ed. de Mommsen, vol. I, 1892, p. 42), apud Schürer, “Die siebentägige Woche im Gebrauche der christlichen Kirche der ersten Jahrhunderte” in *Zeitschrift für N. T. Wissenschaft und die Kunde des Urchristentums*, 1905, p. 17

a — A semana judeo-cristã não trazia inicialmente nenhuma prevenção com nenhum dia. Havia apenas o entusiasmo judaico com o *sabbatum* que no Cristianismo se transferiu para o *Dies Dominicus*, “dia do Senhor”. De qualquer maneira, porém, essa presença tranqüila e idealizadora do *sabbatum* deve ter amenizado a visão “melancólica” e “sombria” e “soturna” do *dies Saturni*. Como se sabe, *soturno* vem de *Saturnu(m)* (32).

b — No combate aos nomes planetários, às vezes os pregadores cristãos se arremetiam especialmente contra as designações do *dies Mercurii* (pop. *dies Mércuris*) e do *dies Veneris*, vendo nos nomes os deuses, e não os planetas, e dizendo que um “ladrão” e uma “meretriz” não tinham direito a dia nenhum. Se o *dies Mercurii* era neutro, o *dies Veneris* era favorável, na visão pagã.

c — Mas, além do repúdio à “meretriz”, *Vênus*, a *sexta-feira* tomou um sentido mau para os cristãos. Era o dia da paixão de Jesus Cristo. A paixão de Cristo, que transformara a *crux*, do símbolo de infâmia em motivo de glória e símbolo da fé, passou a qualificar a *Sexta-Feira da Páscoa* de *Sexta-Feira Santa*. Mas na mente popular cristã desenvolveu-se um horror supersticioso à *sexta-feira*, em si, talvez estimulado pelo repúdio à deusa *Vênus*. Desse modo a *Sexta-Feira da Paixão* tornou-se *Sexta-Feira Santa*, mesmo com o nome da deusa — *Vendredi Saint*, *Viernes Santo* — mas as outras sextas-feiras “se malafamaram”. Na verdade, parece que há uma distinção entre o *dies Martis* e a *sexta-feira*: naquele teme-se o mau augúrio do dia; nesta a reverência ao dia em certos casos veio a degenerar em temor supersticioso, que, no final, nivelou os dois.

d — Por seu lado o *dies Martis* continuou mal afamado. Uma inscrição tumular de Lyon fala de um soldado que teve toda a sua vida condicionada por esse dia:

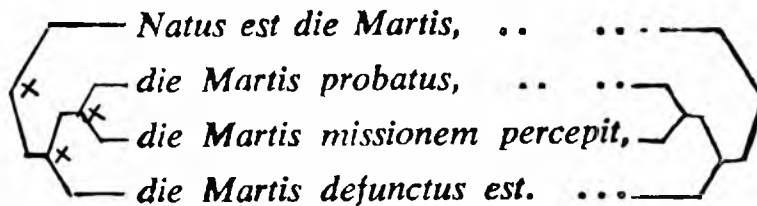
---

(32) — As aproximações que faz o REW, 7624 do prov. *sorn*, fr. *sournois*, esp. *sorna* (donde port. *sorna* e it. *sornione*) não parecem admissíveis. O it. *saturno*, esp. e port. *soturno*, cat. *soturn* (e *sorrut?*), “meancólico”, “taciturno”, ligam-se certamente a Saturno, “pela crença na influência que este astro exercia nas pessoas nascidas sob o seu signo”, como diz Corominas (*DECLC*, IV, 161, s. v. *Saturno*). As formas românicas são semieruditas e a sua geografia, ampla, não é, contudo, generalizada. Os possíveis reflexos semânticos no basco *larunbat*, “sábado”, parecem ligar a semântica antes ao *dies Saturni* que ao “signo de Saturno”

*Natus est die Martis,  
die Martis probatus,  
die Martis missionem percepit,  
die Martis defunctus est (33).*

E' possível que com isso se queira dizer, não que a desgraça do nascimento tenha marcado a sua vida, mas que, apesar do nascimento, houve bens e males na vida.

A disposição seguinte ressalta o quiasmo, em que ao nascimento se opõem ou se atribuem muitas experiências na vida — “recrutamento”, “reforma” e “morte” Aí temos a entrada na vida marcando a entrada na função, a saída da função e a saída da vida:



8 — O *dies Solis*, primeiro neutro, depois se torna festivo. Aí também o Sol, astro, se funde com o *Sol Indiges*, divindade romana. Com esta se funde o *Sol Inuictus*, divindade oriental: *Sol Aeternus*, *Sol Diuinus*, *Sol Sanctissimus*. A este se aglutina o culto de Mithras, de origem persa, como denuncia a sigla DSIM (= *Deo Soli Inuicto Mithrae*). A esse culto sincrético oriental é que se dá, nos sécs. II e IV, o nome de “monoteísmo solar”

a — A tentativa de introdução do *Sol Inuictus*, entre 218 e 222, por Heliogábalo, originário de Emesa, na Alessíria, foi consumada, entre 270 e 275, por Aureliano, que era filho duma sacerdotisa oriental. Nas moedas de Aureliano, o *Sol* é declarado *deus et dominus natus* e nas de Constantino, *Soli Inuicto comiti Augusti nostri* (34).

b — No séc. IV, a partir de Constantino, começa a luta e a combinação do *dies Solis* com o *dies Dominicus*. Acompanhar a luta e a camaradagem não cabe agora neste ensaio. Cristo, que disse de

(33) — “Nasceu no dia de Marte, no dia de Marte foi recrutado, no dia de Marte obteve a reforma, no dia de Marte morreu” *CIL*, XIII, 1906, apud G. Gundermann, “Die Namen der Wochentage bei den Römern, in *Zeitschrift für die deutsche Wortforschung*, I, 1901, p. 182

(34) — Cf. *Scriptores Historiae Augustae: Vita Anton. Heliogabali*, 6, 7 e 17, 8; *Vita Aureliani* 5.5 e 35. Para outras informações: L. Homo, *De la Rome paienne à la Rome chrétienne*, pp. 151-160; H. J. Rose, *Oxford Classical Dictionary*, s. v. *Sol*; P. de Labriolle, *La reaction paienne*, p. 383. As fontes fundamentais são as obras de Fr. Cumont sobre “as influências orientais no paganismo romano”

si — *Eu sou a luz do mundo* (João 8, 12) — foi também identificado com o *Sol iustitiae* de que falou o profeta Malaquias (4.2). Assim, um dia neutro se tornou festivo.

c — Por outro lado, o *dies Iouis*, que era favorável, continuou favorável pela Idade Média. Concílios, como o de Narbona de 589 (35), Padres da Igreja, como São Cesário de Arles (36), São Martinho de Braga (37), censuram veementemente os cristãos da Gália e da Ibéria que iniciavam viagem ou novo estado nesse dia, para serem bem sucedidos, ou que o santificavam. Para não alongar, omito os textos. Se a melancolia de Saturno nos legou *soturno*, a festividade de Júpiter nos legou *jovial*.

d — E é assim que da fusão das duas semanas ficaram arraigadas na crença e na superstição popular as idéias de bom augúrio e mau augúrio nalguns dos dias da semana:

- bom augúrio no *domingo* e na *quinta-feira*, um de origem cristã e o outro de origem astrológica;
- mau augúrio na *terça-feira* e na *sexta-feira*, um de origem planetária e o outro de origem cristã.

Ao *domingo* não se ligaram exatamente as mesmas credices que à *quinta-feira*, mas eram os dois dias fastos, certamente o segundo combatido veementemente pelos Padres e Concílios. Quanto aos nefastos, a documentação antiga é abundante e a moderna bruxoleia em provérbios bastante espalhados, coletados por folcloristas.

9 — Para as fontes antigas, além das que foram citadas na seção precedente deste estudo, no texto e em notas, valerá a pena ainda lembrar dois textos famosos: o *De Medicamentis* de Marcelo Burdigalense e o *Oribasius Latinus*, ambos tratados de medicina.

a — No *De Medicamentis* (início do séc. V), em que os dias da semana não ocorrem evidentemente para datar, o *dies Iouis* ocorre 16 vezes, o *dies Solis* 6 vezes — em três delas associado ao *dies Iouis* — o *dies Martis* 2 vezes, e o *dies Saturni* e o *dies Lunae* 1 vez, num total de 29 ocorrências. O *dies Iouis* e o *dies Solis* ganham dos demais — 25 contra 4 ocorrências — porque são os dias propícios para

---

(35) — *Conciliarum* tomus XIII, Parisiis, e Typographia Regia, 1644, pp. 150-151: *Concilium Narbonae*, Canon VI.

(36) — *Sermo* I, 12 (*in medio*); *Sermo* LIV, 1 (*in fine*); *Sermo* XIII, 5 (*in initio*); *Sermo* LII, 2; *Sermo* CXIII, 4. Cito pela edição de Dom Morin, do *Corpus Christianorum* de Brouges, 1935, vols. 103, 104.

(37) — *De Correctione Rusticorum*, §§ 7, 9, 16 e 18.



as curas. O *dies Martis* vem aliado ao *dies Saturni* no cap. II, 13, que recomenda a crianças, moços e velhos que tenham dor de cabeça observarem a lua quando cortarem o cabelo, e declara que quem o fizer *mirum remedium habebit*. E acrescenta-se:

*neque curet si dies Martis aut Saturni in has lunas inciderit* (“e não se preocupe se o *dia de Marte* ou o de *Saturno* incidir nestas luas”) (38), para deixar claro que o remédio é tão forte que não há quebranto que ele não vença.

b — O *Oribasius Latinus* (trad. do séc. VII), depois de recomendar um remédio e “práticas” para cura de ciática, conclui:

( ) *hoc enim facis per tres Iouias (= dies Iouis) et cum Dei adiutorio liberabitur ab ipsa passione* (“faze isto durante três dias de Júpiter e, com a ajuda de Deus, (o doente) ficará livre da dor”) (39).

c — As superstições residuais quanto ao *dies Martis* e à *sexta-feira* vivem sobretudo em provérbios que remontam à Antigüidade e se distribuem coerentemente na Itália setentrional, na Suíça e na Ibéria (Espanha, Portugal e Galiza). Certamente, a ausência na Gália e noutras regiões da România deve ser aparência: dever-se-á a deficiências das minhas informações.

1) Para a Itália e a Suíça meridional contei com boas informações levantadas por Bruppacher (40) e por Rohlf s (41). Limito-me a três ou quatro exemplos:

1 — *Nè di venere nè di marte non si sposa nè si parte*. (“nem em sexta-feira nem em terça-feira não se casa nem se viaja”). É um provérbio corrente na Toscana, de que há variantes dialetais.

---

(38) — Marcelli *De Medicamentis Liber*, ed. de G. Helmreich, Lipsae, Teubner, 1889, V + 416 pp. (nosso texto, p. 40).

(39) — *Oribasius Latinus, Synopsis IX*, 6, ed. de Molinier, *Oeuvres d'Oribase* par Bussemaker et Daremberg, tomes 5 e 6 (Paris, 1873 e 1876), apud G. Rohlf s *Sermo Vulgaris Latinus*, Max Niemeyer, Halle, 1951, p. 37.

(40) — Hans Peter Bruppacher — *Die Namen der Wochentage in Italienischen und Rätoromanischen* (Romanica Helvetica, vol. 28). Bern, 1948, IV + 234 pp. + 12 Karte.

(41) — Gerhard Rohlf s — *Diferenciación Léxica de las Lenguas Románicas* (trad. y notas de Manuel Alvar) CSIC. Madrid, 1960, 194 pp. + 50 cartas.

- 2 — *Ul mardi, nè ul venderdi l'è miga bell maridàss.* (“na terça-feira nem na sexta-feira não é bom casar-se”). (Santa Domenica-Calanca).
- 3 — *nè da venderdi nè da martedì nè sa spüsa nè sa partiss.* (“nem em sexta-feira nem em terça-feira não se casa nem se parte”). (perto de Lugano).
- 4 — *int in venar nè uss part nè uss ricef.* (“na sexta-feira não se viaja nem se recebe (visita)”).
- 5 — *int in venar nè nu sa parta nè nu sa vir letar.* (“na sexta-feira não se leva nem se abre carta”). (42).

2) Para a Ibéria — Portugal, Espanha e Galiza — as informações que tenho foram coletadas em vários levantamentos folclóricos de Portugal e dos Açores saídos em números diversos da *Revista Lusitana* (43), com exemplos espanhóis (asturianos e andaluzes, alguns do séc. XVII) e portugueses, de Trás-os-Montes, da região do Porto (Santo Tirso), da Estremadura (Turquel), dos Açores (Ilha Terceira), assim como no verbete *Martes* do *Dicionário Enciclopédico Gallego*, de Eládio Rodriguez Gonzalez, e do *Pequeño Larousse Ilustrado* (44).

- 1 — “*Os casamentos não devem realizar-se nem às terças nem às sextas-feiras*” (Areias — Santo Tirso) (*RL*, 17, p. 51).
- 2 — “*Não se deve casar às terças e sextas-feiras, nem no Entrudo e na Páscoa*” (Barroso) (*RL*, 19, p. 96).
- 3 — “*Contrair matrimônio à terça-feira, ninguém aqui ousa fazê-lo, por ser dia aziago. Importa, também, não começar viagem nesse dia, apontando-se ainda outros atos que é prudente evitar. À terça-feira não cases filha nem urdas teia — diz um adágio*” (Turquel) (*RL*, 20, p. 68)
- 4 — “*Os casamentos celebram-se quase sempre à quarta-feira, muitas vezes ao sábado; nunca à terça nem à sexta-feira*” (Turquel) (*RL*, 21, p. 290).

---

(42) — Bruppacher, *op. cit.*, pp. 72 e 211; Rohlf, *op. cit.*, p. 49.

(43) — *Revista Lusitana*, vol. 17 (1914), Augusto C. Pires de Lima, “Tradições Populares”, pp. 51-52; vol. 19 (1916) José Maria Adrião, “Retalhos de um Adagiário”, pp. 44-48 e vol. 29 (1931), p. 148; vol. 19 (1916), Fernando Braga Barreiros, “Tradições Populares do Barroso”, p. 99; vol. 20 (1917), José Diogo Ribeiro, “Turquel Folclórico”, pp. 57-58, 68, 80 e vol. 21 (1918), p. 290; vol. 30 (1932), Luís da Silva Ribeiro, “Etnografia Jurídica da Ilha Terceira”, p. 277; vol. 31 (1933), Miranda Lopes, “Da Minha Terra” (= Trás-os-Montes), p. 152. (São levantamentos longos, alguns em vários números da *Revista*)

(44) — Adaptação espanhola Miguel de Toro y Gisbert. É o único provérbio que ele traz, em nome de dia de semana.

- 5 — “*A terça e à sexta-feira, não cases a filha nem urdas a teia*” (Ilha Terceira) (RL, 30, p. 277).
- 6 — “*Em terça-feira não urdas teia, nem tua filha cases*” (Trás-os Montes) (RL, 31, p. 152)
- 7 — “*Numa versão ( ) de Cabeceiras de Basto ( ) diz-se que o Zângão (sic) é um homem como nós e que, quando as bruxas vão fazer sombléia (= assembléia) no sítio do Troco, às terças e sextas-feiras, ele é sabedor de tudo o que lá se passa. O Zângão, segundo a mesma versão, tem pauto (= pacto) com o diabo*” (Braga) (RL, 29, p. 148).
- 8 — “*À terça-feira não cases a filha nem urdas a teia*”
- 9 — “*Às terças e sextas-feiras, nem cases a filha nem urdas a teia*” (Olhão, Algarve).
- 10 — “*À sexta-feira, não cases a filha nem lances a teia*”
- 11 — “*À terça-feira, não cases a filha, não urdas a teia, nem parta seu navio para a “terra alheia”* (Açores)
- 12 — “*Em martes, ni tela urdas, ni hija cases*” (séc. XVII).
- 13 — “*Boda buena, boda mala, el martes en tu casa*” (séc. XVII).
- 14 — “*En martes, ni galliña echas, ni hija cases*” (Ávila).
- 15 — “*Nin en viernes, nin en martes cases les fies nin mués les vaques*” (Artúrias).
- 16 — “*En martes ni tu casa mudes, ni tu hija cases, ni tu ropa tajés*” (= cortes).
- 17 — “*En todas partes tiene cada semana su martes*” (45).
- 18 — “*En martes ni te cases ni te embarques*” (Pequeño Larousse Ilustrado).

Completemos essa lista com doze provérbios galegos (46), tomados ao *Dicionário* de Eládio R. Gonzalez:

- 1 — “*Cada martes tèn a sa semana*”
- 2 — “*Cada martes tèn o seu domingo*”
- 3 — “*En martes con merda te fartes*”
- 4 — “*En martes, nin a cama mudes, nin a ropa laves*”
- 5 — “*En martes, nin panos cortes, nin filla cases*”
- 6 — “*En martes, nin tea tezas, nin ropa laves*”

---

(45) — Essas dez variantes do provérbio toscano atrás citado foram tomadas a “*Retalhos de um Adagiário*” de José Maria Adrião, em RL, 19 (1916), pp. 44-48)

(46) — São, na verdade, 11: os n.os 8 e 9 são reduções do comum.

- 7 — “*En martes, nin porco mates, nin chura botes que pitos saque*” (47).  
8 — “*En martes non cortes nin prantes*”  
9 — “*En martes non te cases*”  
10 — “*En martes non te embarques*”  
11 — “*En martes non te cases, nin te embarques, nin o teu porquiño mates*”  
12 — “*En todas partes, cada semana tèn o seu martes*” (48).

10 — E' evidente que tudo o que se disse na secção precedente é do folclore da semana, e que este compreende muito mais fatos do que provérbios de superstições. Mas o que aqui eu desejava mostrar era a permanência de “esperanças e temores” ligados à semana na vida quotidiana, e devidos ao sincretismo: fusão de duas semanas, ambas orientais e ambas eco de dois cultos religiosos. Continuar a explorar o seu folclore não seria desatender ao objetivo deste estudo, mas estendê-lo-ia ainda mais. E é de notar que os dados folclóricos sobre a semana, ricos no volume e na variedade, são de interesse desigual e magros em originalidade. O levantamento mais completo que conheço é o de Bruppacher (49), restrito quanto à área geográfica, e que um folclorista talvez ache modesto.

a — Superstições, práticas religiosas, programação da vida civil e social, reúnem-se na formação do seu temário, em anedotas e ditos, em quadras e poemas populares curtos, quase tudo sem muita poesia. Mas o quotidiano é o trivial da vida e a esse a semana envolve meio pegajosamente. O *dies Saturni* era o início da semana astrológica, o *shabbath*, paradoxalmente, o fim e o “centro” da judaica, o *sábado* e o *domingo* o fulcro da semana cristã. No domínio judaico, Jesus, no sermão profético, recomendou aos seus discípulos que orassem para que a sua fuga na guerra com Roma não fosse no inverno

---

(47) — O próprio *Diccionario* de Gonzalez não deu informações suficientes para se entender precisamente este, pois não registra *chura* (seria “galinha”?). Apesar do seu formato grande, de ter 2080 pp. nos 3 volumes, de ser em duas colunas, da riqueza das suas informações, de ser apresentado pela Editora Galaxia com entusiasmo, e de vir com um apêndice, é bastante omissivo, usando termo que não registra como verbete. Os nomes de dias da semana ilustram bem essas omissões.

(48) — Os de n.º 1 e 2 são otimistas: “há um dia aziago na semana, mas há seis felizes”; ou “há um aziago, mas há um feliz”. O n.º 12, coincidente com o final da lista de José Maria Adrião, é realista: “um dia infeliz há em toda semana e por toda parte (= “mal de muitos consolo é”).

(49) — Hans Peter Bruppacher — *Die Namen der Wochentage in Italienischen und Rätoromanischen* (Romanica Helvetica, vol. 28), Bern, 1948, IV + 234 pp. + 12 cartas.

ou em dia de sábado (*Mat.*, 24, 20). Por causa da sua guarda no meio judaico, o sábado paralisava tudo. Por isso, na antigüidade, em época de guerra, várias vezes foi ele fatal aos judeus (50).

b — Até hoje o sábado não é dia muito bom para viagens, não porque nele Saturno continue com suas ingerências na vida nem pelo escrúpulo religioso, pois sábado e domingo andam hoje dessacralizados, mas por causa da semana inglesa, que surgiu da vivência religiosa: fecham-se lojas de autopeças, fecham-se oficinas mecânicas, rareiam socorros de emergência, e as estradas se enchem de imprudentes e de inexpertos. E, assim, no sábado, que era nefasto, e no domingo, que era fausto, avolumam-se os acidentes. Por isso, ainda hoje, sem superstição, o realista e racionalista, envolvido pela semana, murmura: “Aos sábados é arriscado empreender viagens”

c — Os traços religiosos e os populares batizam certos dias com nomes especiais e pitorescos, de domingo a sábado, do início ao fim do ano. Não iremos fazer aqui e agora o levantamento das expressões, embora alinhar o seu elenco completo não fosse uma tarefa inútil. E é esse um domínio em que os dicionários em geral são omissos. Aliás, desde os gregos e latinos — *A Greek-English Lexicon*, de Liddell and Scott, e o *Lexicon Totius Latinitatis*, de Forcellini — até os nossos, de língua ou de folclore, são eles indistintamente omissos e incoerentes no que toca à semana. O *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, de Meyer-Lübke, é também omissos, e é omissos o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Câmara Cascudo (51), apesar da riqueza de informações, em geral, nessa obra: nenhum verbete sobre a semana ou qualquer dos dias; os únicos que trazem algo são *Dia do Furto Tradicional*, *Malvadeza*, *Judas*, *Matinta Pereira*, mas apenas pouco mais de menção de “Quinta-Feira Santa” “Sexta-Feira da Paixão” e “Sábado da Aleluia”

d — Nas histórias populares, em certas canções populares, como a de Ivon Cúri, que teve a sua vez há alguns anos, em certas canções satíricas, ou pequenos poemas, como o soneto “A Semana do Boêmio”, de Bastos Tigre (52), não muito forte, na crítica cheia de

---

(50) — Na Conquista da Judéia (em 63 a. C.), Pompeio se valeu do sábado para atacar; na guerra de Antônio contra Antígono (em 36 a. C.) novamente o sábado foi o dia do ataque: e, finalmente, em 70 A. D., na tomada de Jerusalém por Tito (Ver Dion Cássio, *História Romana*, XXXVII, 16, XLIX, 22 e LXV, I (cf. Josefo, *Bellum Judaicum*, I, 7, 3).

(51) — Luís da Câmara Cascudo — *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro, Inst. Nac. do Livro, 1954, 660 pp. (formato grande)

(52) — D. Xiquete — *Moinhos de Vento*, Rio de Janeiro, Leite Ribeiro e Murillo, 1920, p. 179.

pitoresco de Rosália de Castro, na poesia galega que desenvolve o provérbio galego — “Sábado à noite Marica pilla a roca” (53) —, haveria também coisas a mencionar Mas fiquemos por aqui.

•

• •

E’ possível que a leitura destas considerações não tenha sido de todo inútil, nem muito insípida. Elas mostram como uma divisão de tempo, arbitrária — embora parta das fases da Lua —, vem dominando o quotidiano, já desde a época greco-romana da sua história, que é a também a da expansão européia do cristianismo. Ela entra como algo que não cabe muito bem na fôrma, porque, a rigor, não é divisão do mês, tal como este chegou até nós: vive dentro do mês, mas emenda meses, compete com o mês no uso e leva a melhor e governa a vida. Governou no passado pelo seu sentido religioso; hoje, dessacralizada, continua a governar, porque se impôs à organização da vida urbana no seu dia-a-dia.

---

(53) — Rosalía de Castro — *Obras Completas: Cantares Gallegos*, nueva edición, Madrid. Edit. Páez, s. d., poema n.º XXXVI, pp. 287-289.